



## **VOZES DE RESISTÊNCIA: ECOFEMINISMO E MÍDIA INDEPENDENTE NA AMÉRICA LATINA**

**Amanda Peixoto Lima Amaral – UnB**

**Kátia Belisário – UnB**

**Grupo de Trabalho:** GT 9 – Políticas Públicas, Movimentos Sociais e  
Interseccionalidade

### **RESUMO:**

Este trabalho analisa o papel das mídias independentes feministas latino-americanas na construção e difusão de narrativas sobre ecofeminismo e justiça climática, destacando a importância do ativismo feminino na promoção de um futuro sustentável para a região. O objetivo é compreender como veículos como a *Revista AzMina* (Brasil) e *Volcánicas* (América Latina e Caribe) contribuem para a democratização da informação e para a consolidação de discursos que articulam gênero, meio ambiente e direitos humanos. A pesquisa busca responder às seguintes questões: i) de que forma essas mídias produzem conteúdos que fortalecem o ecofeminismo e a justiça climática; ii) quais estratégias comunicacionais são eficazes na sensibilização e engajamento do público. Metodologicamente, a investigação se apoia na pesquisa bibliográfica e na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), permitindo examinar os sentidos e representações construídos nas publicações selecionadas. A discussão teórica dialoga com autoras como Françoise d'Eaubonne (1974), Karen Warren (1997) e Vandana Shiva (1988), cujas contribuições foram essenciais para compreender as intersecções entre gênero e ecologia no contexto latino-americano. Os resultados apontam que as mídias analisadas assumem um papel de resistência frente à hegemonia informacional, ampliando o debate sobre a crise ambiental e social sob uma perspectiva feminista e descolonial. Além disso, observa-se que essas plataformas fortalecem redes de solidariedade e promovem a conscientização crítica, atuando como espaços de mobilização e visibilidade das vozes femininas na luta por justiça climática. Conclui-se que o jornalismo independente, aliado ao ecofeminismo, configura-se como uma ferramenta transformadora na construção de um discurso plural e comprometido com a sustentabilidade e a equidade de gênero.

**Palavras-chave:** Ecofeminismo, Comunicação, Mídias independentes, Justiça climática, América Latina.



## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o diálogo entre questões ambientais, de gênero, raça e classe tem se intensificado, impulsionando reflexões sobre as intersecções entre opressão e desigualdade. Nesse contexto, o ecofeminismo surge como corrente teórica e política que associa a luta das mulheres à preservação ambiental, partindo do entendimento de que a exploração da natureza e a opressão das mulheres compartilham a mesma raiz: o sistema capitalista e patriarcal. Na América Latina, o ecofeminismo tem se fortalecido como resposta às crises ecológicas e sociais, como desastres ambientais que afetam desproporcionalmente mulheres em situação de vulnerabilidade, reforçando a necessidade de uma abordagem feminista e interseccional nas discussões sobre justiça climática.

As mídias independentes feministas latino-americanas assumem papel estratégico na democratização da informação e na construção de narrativas críticas sobre gênero e meio ambiente. Plataformas como a Revista AzMina (Brasil) e a Volcánicas (América Latina e Caribe) atuam como espaços de resistência e engajamento social, promovendo diálogo sobre ecofeminismo e justiça climática. Este trabalho tem como objetivo analisar como essas mídias contribuem para a disseminação do ecofeminismo, quais estratégias comunicacionais são eficazes na sensibilização do público e como consolidam a comunicação como ferramenta essencial para enfrentar crises ambientais e sociais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Raízes e bases do ecofeminismo

O ecofeminismo surge como movimento crítico que relaciona opressão de gênero e exploração ambiental. Françoise d'Eaubonne cunhou o termo em 1974, e autoras como Vandana Shiva, Karen Warren e Carolyn Merchant destacam como patriarcado e capitalismo contribuem para desigualdade social e degradação ambiental. Na América Latina, o ecofeminismo se articula com



saberes locais e práticas comunitárias para enfrentar crises climáticas e desigualdades socioeconômicas.

## **2.2 Perspectivas teóricas contemporâneas**

O ecofeminismo construtivista entende a realidade como resultado de relações sociais, políticas e culturais. Relatórios da ONU Mulheres apontam que mulheres em vulnerabilidade são mais afetadas por desastres ambientais, evidenciando a necessidade de políticas públicas integradas que promovam justiça social e sustentabilidade.

## **2.3 Feminilização da pobreza e questões ambientais**

A feminilização da pobreza mostra a interseção entre gênero e vulnerabilidade econômica. Mulheres sofrem impactos desproporcionais de crises ambientais devido à exclusão de espaços de poder e à sobrecarga de trabalho reprodutivo. Estratégias ecofeministas unem direitos das mulheres, justiça social e sustentabilidade, destacando o protagonismo feminino em soluções socioambientais.

## **2.4 Jornalismo tradicional, mídias independentes e ciberespaço**

O jornalismo tradicional latino-americano frequentemente reforça estereótipos de gênero e negligencia questões ambientais. Plataformas digitais e mídias independentes surgem como espaços de visibilidade e ciberativismo, permitindo a circulação de narrativas ecofeministas, fortalecendo redes de mulheres e ampliando participação política e comunitária.

## **2.5 Plataformas feministas: AzMina e Volcánicas**

Exemplos concretos de mídias independentes que materializam essas perspectivas incluem a revista AzMina e a plataforma Volcánicas. AzMina atua na democratização de informações sobre gênero, ecofeminismo e justiça climática, com reportagens, entrevistas e análises que estimulam reflexão crítica e engajamento. Volcánicas conecta ativistas, promove discussões sobre meio ambiente e desigualdades sociais e valoriza narrativas femininas marginalizadas, fortalecendo redes de colaboração e solidariedade.



### 3. METODOLOGIA

Neste trabalho foram utilizadas revisão bibliográfica e análise de conteúdo para investigar o papel das mídias independentes *AzMina* e *Volcánicas* na democratização da informação sobre justiça climática feminista na América Latina. Na análise de conteúdo, foram selecionadas matérias publicadas em ambas as mídias entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2024, organizadas em tabela com data, autor, título e link, e analisadas quanto às temáticas predominantes e à presença de narrativas ecofeministas. Para complementar, foram elaboradas nuvens de palavras e gráficos, que evidenciam os termos mais recorrentes e possibilitaram identificar padrões discursivos e temporais nos conteúdos das duas mídias.

### 4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Ao analisarmos as matérias publicadas em ambas as mídias em **2024**, observamos que a *AzMina* foca sobretudo em temas relacionados às mulheres, aos povos indígenas, aos territórios e à crise climática. Já a *Volcánicas* destaca a palavra **resistência**, mas também aborda mulheres e indígenas, evidenciando a valorização das lutas feministas e ecológicas latino-americanas.

Tendo em vista que na prática somente alguns países recebem destaque na cobertura midiática tradicional, constatamos que ambas não apenas desafiam as estruturas hegemônicas, mas promovem a conscientização, mobilização e RESISTÊNCIA em torno das crises climáticas e sociais. Através de suas narrativas, elas conectam demandas locais e regionais em redes de solidariedade transnacionais, criando uma frente unificada contra as crises impostas pelo neoliberalismo e o patriarcado capitalista.

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um cenário dominado por narrativas hegemônicas, publicações de mídias alternativas como *AzMina* e *Volcánicas* se tornam meios de resistência e transformação social. Elas mostram que a diversidade de vozes não é apenas uma



questão de representatividade, mas uma necessidade para a construção de narrativas mais completas, empáticas e verdadeiras. Dar espaço a essas vozes não é um favor, mas uma obrigação ética que redefine o jornalismo e amplia as possibilidades de um futuro mais justo e sustentável.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia. **Gender and the Politics of Feminism in Latin America**. 1990.

ALVAREZ, Sonia E. Women's movements and gender politics in the Brazilian transition. **Gender & Society**, v. 4, n. 1, p. 56-81, 1990.

ARCOVERDE, José. **Feminismo e justiça ambiental no Sul Global: uma perspectiva interseccional**. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1949.

D'EAUBONNE, Françoise. **Le Féminisme ou La Mort**. Paris: Pierre Horay, 1974.

DUARTE, J. **Comunicação e pesquisa qualitativa: reflexões metodológicas e práticas**. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERRA, Aline. **Mídia, gênero e a construção de espaços de resistência no jornalismo independente**. São Paulo: Editora Annablume, 2016.

HOOKS, Bell. **Feminism is for Everybody: Passionate Politics**. Cambridge: South End Press, 2000.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993.

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Women and Men in the Informal Economy: A Statistical Picture**. 2019. Disponível em: <https://www.ilo.org/global/statistics-and-databases/lang--en/index.htm>. Acesso em: 12 jan. 2025.

PENA, Felipe. **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Contexto, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.